

Nota sobre a formação do artista

Guy Amado

A universidade é por excelência um lugar de aprendizagem, pesquisa, formação de repertório, produção do saber e assimilação de conhecimento, enfim. Pelo menos desde a era medieval, quando se convencionou a consolidação desse modelo de instituição de ensino, que gradualmente se impôs como instância demarcadora na transição do jovem para os compromissos da vida adulta. Em âmbito extra-curricular, é também nela que vivenciamos alguns ritos sócio-afetivos que futuramente se provam tão caros. Amizades, paixões, afinidades e diferenças; ali experimentamos relacionamentos de graus diversos, que ajudam a preparar o espírito para o que nos aguarda vida afora.

Tradicionalmente compreendida como quase inevitável etapa de preparação para a “vida adulta” que vem a seguir, como sabemos, vincula-se à universidade a premissa de formação profissional embutida em sua concepção de base. A partir de um determinado programa pedagógico, o estudante é introduzido a conhecimentos específicos, assimila-os e supostamente pode tornar-se assim um profissional na área que cursou. A efetividade de tal dinâmica é mais facilmente verificada nos modelos de atividades profissionais clássicas, como a medicina, o direito, as ciências exatas, etc. Nas áreas de Humanas, não é difícil acompanhar o desdobramento desse percurso formação-e-prática na atividade de um arquiteto, um economista ou um geógrafo, por exemplo.

Mas há aqueles segmentos em que essa lógica associativa entre conhecimento recebido e seu “rebatimento” na aplicação profissional do mesmo – possibilidades de sucesso à parte – é mais nebulosa, ou menos imediata em sua verificação. E as *artes visuais* talvez sejam o maior exemplo disso [juntamente, quem sabe, com a filosofia]. Afinal, o que exatamente significa “se formar artista” hoje? Não é esta uma atividade classicamente associada ao campo da subjetividade e do empirismo? Longe de querer aqui emprestar uma aura romântica ao metiê do artista – o que de resto não faz sentido, sobretudo na atualidade -, a ideia é levantar questões de ordem mais prática. Sem dúvida a academia pode prover um arcabouço de conhecimentos essenciais ao possível futuro artista, tanto na parte técnica-prática como na teoria. Conhecer equipamentos, travar contato com técnicas e materiais diversos, passar pela disciplina do exercício, as discussões e cobranças, professores que abrem novos horizontes de possibilidades, todos são aspectos gratificantes – e por que não, fundamentais para a práxis artística. Mas ainda assim, para além do cumprimento dos requisitos curriculares, fica a impressão de que é insuficiente falarmos de um “artista formado” enquanto tal na universidade.

O ponto aqui obviamente não é minimizar o papel da academia na formação de um artista, muito pelo contrário – trata-se antes de refletir sobre o próprio estatuto desta atividade, a do artista na contemporaneidade. Talvez a coisa se resuma em parte a uma maior dificuldade do artista em ser reconhecido enquanto profissional quando contraposto à “concretude” da função de um dentista ou um contador, por fatores que não caberiam elencar agora mas que são de modo geral intuídos. A arte, afinal, é “tudo aquilo que escapa”... Seja como for, ensino formal e conhecimento empírico não se anulam, mas antes se complementam.

Convém ainda observar que, se a instituição orienta e ensina com qualidade, ela o faz inevitavelmente embasada em sistemas de convenções, que no devido tempo caberá ao jovem artista saber também *desaprender*, quando e o quanto necessário. “Desaprender” não enquanto esquecer ou desprezar o conhecimento adquirido, obviamente – mas como estratégia salutar de descondicionalidade e reinvenção, em busca de uma poética própria, movida pela inquietação.

Decido levantar estes questionamentos aparentemente incômodos – quase provocações – justamente pela ocasião envolver a graduação de uma turma de jovens artistas da Unicamp. E nunca com o intuito de incutir a dúvida ou relutância em torno de sua opção, mas, ao contrário, visando estimular a reflexão acerca de sua recente condição, e a lembrá-los de que a coisa está só começando. E isso é bom.

A mostra de formatura, *Gramatura 32*, é um evento que para muitos desses moços e moças significa a primeira oportunidade de lançar ao mundo sua produção, fora do espaço protegido do seu ateliê ou das oficinas da faculdade, num importante exercício público de exposição. Linguagens diversas convivem e atestam a diversidade de procedimentos e pesquisas plásticas por eles desenvolvidas a partir destes anos de estudo, com predominância dos meios clássicos da gravura e do desenho, não raro abordados com inventividade para além de seus limites tradicionais. De modo geral há um *ruído* estimulante no conjunto de trabalhos, evidenciado no modo como pulsões e sensibilidades díspares ganham forma e articulam uma trama visual de forte presença.

Fechado esse ciclo, para esses jovens artistas não se trata agora de migrar da universidade para o conforto relativo do escritório ou do consultório: daqui por diante terão que antes de tudo se perceber artistas, se *descobrir* artistas, a ir gradualmente afirmando um grau de compromisso com seu trabalho e naturalmente elaborando assim o percurso de suas poéticas. E, tomara, terão que responder mais e mais publicamente por suas criações e maquinações.